

Análise do discurso e ativismo digital: o discurso como ferramenta de resistência na web

Paulo Henrique Aguiar Mendes*
Benedicto Roberto Alves Carlos**

Resumo

Neste artigo, buscamos compreender como certos movimentos sociais contemporâneos se apropriam da internet para combater preconceitos, uma vez que a *web 2.0* possibilita o desenvolvimento do ativismo digital, especialmente sob a forma de práticas discursivas emergentes. Na virada do século XX para o século XXI, entramos em uma nova era, a da *Web 2.0*, cujos avanços tecnológicos desencadearam mudanças nas maneiras de interagir socialmente e de agir sobre o(s) outro(s). Tais mudanças podem ser observadas em diferentes esferas de prática social, a exemplo do ativismo político na era digital e, mais especificamente, do movimento antirracista. Assim, com vistas a analisar de modo mais efetivo essas novas práticas de linguagem, os estudos do discurso têm adaptado os seus dispositivos teórico-metodológicos, propondo novas abordagens e novas categorias de análise, como demonstram os trabalhos de Paveau (2021) e de Maingueneau (2015), entre outros. Com base em noções propostas por esses estudiosos do discurso, bem como em contribuições dos estudos sobre ativismo digital relacionados ao (anti)racismo, visamos analisar algumas estratégias discursivas utilizadas em postagens da página do movimento Alma Preta, com destaque para a sua dimensão multimodal (verbovisual) como uma das características dessa forma de tecnodiscurso. Mais especificamente, analisamos algumas postagens que fazem alusão ao caso do assassinado de George Floyd nos EUA.

Palavras-chave: análise do discurso digital; estudos discursivos; tecnodiscurso; ativismo digital; multimodalidade.

* Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutor em Linguística, Professor Associado do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da UFOP, coordenador do Grupo de Estudos sobre Discurso e Memória (GEDEM/UFOP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0584-0669>.

** Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em estudos da linguagem pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (UFMG). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1593-4255>.

Discourse analysis and digital activism: discourse as a tool of web resistance

Abstract

In this article, we seek to understand how certain contemporary social movements appropriate the internet to combat prejudices, since Web 2.0 enables the development of digital activism, especially in the form of emerging discursive practices. At the turn of the 20th century to the 21st century, we entered a new era, that of Web 2.0, whose technological advances triggered changes in the way so-far acting socially and acting together. Such changes can be observed in different spheres of social practice, such as political activism in the digital age and, more specifically, the anti-racist movement. Thus, with a view to analyzing these new language practices more effectively, discourse studies have adapted their theoretical-methodological devices, proposing new approaches and new categories of analysis, as demonstrated by the works of Paveau (2021) and Maingueneau (2015), among others. Based on notions proposed by these discourse scholars, as well as contributions from studies on digital activism related to (anti)racism, we aim to analyze some discursive strategies used in posts on the Alma Preta movement webpage, with emphasis on its multimodal dimension (verbovisual) as one of the characteristics of this form of techno-discourse. More specifically, we analyzed some posts that allude to the case of George Floyd's murder in the USA.

Keywords: discourse studies; technodiscourse; digital activism; multimodality.

Recebido em: 08/05/2024 / Aceito em: 08/10/2024

Introdução

É amplamente reconhecido que os desenvolvimentos tecnológicos relacionados aos avanços da internet e das redes sociais têm desencadeado mudanças estruturais nas formas de comunicação e impactos significativos nas formas de mobilização social e de ativismo político. Surgem novas formas de interação e práticas de linguagem que desafiam os pesquisadores voltados para os estudos discursivos e sociopolíticos, entre outras áreas. Tais desafios se colocam tanto na perspectiva da compreensão dos modos de construção e funcionamento de tais interações linguageiras e políticas quanto no âmbito de uma avaliação ética e axiológica da validade e legitimidade dessas práticas emergentes.

Este artigo constitui uma tentativa de apresentar algumas possibilidades de enfrentamento de aspectos desses desafios em duas dimensões. Uma teórico-metodológica, no sentido de expor e articular categorias de abordagens que se propõem a descrever e explicar com alguma clareza e consistência as características e o funcionamento dos discursos na era digital (especialmente da *Web 2.0*). Outra temática-analítica, na perspectiva de analisar e avaliar algumas formas de resistência e de ativismo político nessa era digital, em função de fatos discursivos específicos localizados numa determinada esfera sociopolítica (o ativismo digital relacionado ao movimento antirracista). Desse modo, buscamos fazer uma análise discursiva de alguns textos (postagens) publicado pela Alma Preta em referência alusiva ao assassinato de George Floyd¹.

¹ George Floyd foi um afro-americano assassinado em 25 de maio de 2020, depois que Derek Chauvin, então policial de Minneapolis, ajoelhou-se no pescoço dele durante oito minutos e quarenta e seis segundos, enquanto estava deitado de bruços na estrada. As gravações em vídeo, mostrando Floyd dizendo repetidamente: "*I Can't Breathe!*" ("Não consigo respirar")

1 Desafios para os estudos do discurso no século XXI: da multimodalidade à algoritmização

Nesta seção, faremos um recorte de alguns modelos de análise do discurso que tematizaram e problematizaram a questão da necessidade de se repensar as teorias e metodologias dos estudos discursivos na era digital, considerando-se as semelhanças e, sobretudo, as diferenças implicadas nas práticas discursivas que eram objetos de análise antes e depois do advento das tecnologias digitais. Nesses termos, abordaremos primeiramente a formulação de Maingueneau (2015), para em seguida focalizarmos a proposta de Paveau (2021), autores que nos servirão de base teórica. Assim, o primeiro autor já assinalava que:

o desenvolvimento no final do século XX das novas tecnologias da comunicação fez aparecerem novas práticas, específicas do universo digital, mas também modificou profundamente as modalidades tradicionais de exercício do discurso. Os analistas do discurso são agora levados a interrogarem sobre a pertinência das categorias que utilizam, se elas ainda estão à altura dessa nova distribuição das cartas do jogo (Maingueneau, 2015, 159).

O primeiro aspecto apontado pelo autor diz respeito à multimodalidade e às formas de sua manifestação desde a comunicação oral até a digital. Maingueneau ressalta que a linguagem é fundamentalmente multimodal, mencionando a importância da integração entre o fluxo oral/verbal e os movimentos corporais/gestuais na modalidade oral, o que não é novidade entre os estudiosos, que têm avançado consideravelmente nas

foram amplamente divulgadas nas plataformas de redes sociais e transmitidas pelos meios de comunicação do mundo inteiro. O assassinato de George Floyd gerou revolta social e uma onda de protestos antirracistas pelo mundo

pesquisas sobre essa temática. O autor enfatiza também, em seguida, a relevância das investigações sobre a vasta e diversa gama de textos “escritos” (mas também orais) que integram em sua natureza elementos icônicos (imagéticos), constituindo uma rede complexa de práticas discursivas que têm levado ao questionamento da própria noção de ‘texto’ e à proposição de designações como “iconotexto” em muitos casos, como forma de considerar a natureza semiótica complexa dessas produções linguageiras. A profunda integração entre componente visual e componente verbal está ostensivamente presente em gêneros discursivos das mais diferentes esferas de prática social, a exemplo dos domínios literário, jornalístico e publicitário, entre outros que poderiam ser mencionados. Para Maingueneau, “de um lado, os enunciados verbais se incrustam nas imagens ou as imagens acompanham os textos; de outro, o próprio conjunto que as imagens e os enunciados verbais formam constitui também uma forma trabalhada em si mesma” (Maingueneau, 2015, p. 160). Uma vez que os objetos dos estudos discursivos são cada vez menos integralmente verbais, e as produções discursivas são cada vez mais radicalmente multimodais, é necessária uma reorientação do ‘olhar’ e da postura dos pesquisadores em relação a seu *corpora* de análise.

A questão se torna muito mais complexa quando se coloca em questão o contínuo dos gêneros discursivos do oral até o digital, passando pelo escrito e pelo impresso. Muitos estudiosos destacam a existência de um gradiente que vai dos gêneros que são usados na *Web*, mas que derivam de outros ‘suportes’ (a exemplo da imprensa e do vídeo), sendo retomados e transformados no meio digital, até gêneros que são oriundos especificamente da *Web*, chamados muitas vezes de ‘cibergêneros’. Nas palavras de Maingueneau (2015, 161),

a multimodalidade é levada ao paroxismo pelo desenvolvimento da *Web*, que — como fizeram em seu tempo a escrita e o impresso — tem uma incidência profunda não apenas nas práticas verbais (é uma banalidade dizer que a internet suscitou novas práticas: correio eletrônico, fóruns, blogs...), mas sobre a própria concepção que podemos ter da discursividade, particularmente, dos gêneros discursivos (Maingueneau, 2015, p. 161)

O autor retoma a sua categorização das ‘cenas de enunciação’, em termos da cena englobante (em que se enquadram os tipos ou domínios discursivos, como o político, o jornalístico, o religioso etc), da cena genérica (em que se inserem os gêneros propriamente ditos, a exemplo dos debates, dos editoriais, das missas etc.) e da cenografia, enquanto instância de textualização/atualização enunciativa das estratégias discursivas utilizadas nas suas respectivas cenas englobante e genérica². Segundo Maingueneau, se no chamado ‘regime clássico’ da discursividade, a cena genérica (o gênero discursivo) ocupa um lugar central, esta última, bem como a cena englobante, se encontram ‘enfraquecidas’ na *Web*, porque as unidades de comunicação passam a apresentar uma mesma natureza submetida às mesmas restrições técnicas (trata-se de sites da *Web*), o que é reforçado pela necessidade de ser possível circular/navegar por *hiperlinks* de um site a outro. Nessa perspectiva, é a cenografia (a encenação da enunciação/comunicação) que passa a ocupar o papel central, mobilizando maciçamente os recursos multimodais e as operações hipertextuais. Sendo assim:

² A noção de cena englobante corresponde ao tipo ou domínio de atividade social caracterizável como uma rede de gêneros discursivos. A cena genérica corresponde aos gêneros propriamente ditos, enquanto dispositivos sociocomunicativos submetidos a normas, convenções e expectativas.

na *Web*, esse enfraquecimento da cena genérica e da cena englobante (onde se distingue o político, o religioso, o publicitário) acompanha uma hipertrofia da cenografia digital, que tem pouco em comum com a cenografia estritamente verbal. Podem-se, efetivamente, distinguir dois tipos de cenografia nos sites: uma cenografia verbal e uma cenografia digital (Maingueneau, 2015, 162).

Segundo essa formulação, a complexidade da cenografia digital pode ser desdobrada em três componentes: um componente iconotextual (no sentido de que os sites mostram imagens e se constituem como um conjunto de imagens na tela); um componente arquitetural (na medida em que os sites são uma rede de páginas acionadas de determinado modo); e um componente procedural (relativo ao fato de que os sites configuram redes de instruções voltadas para os internautas). A cenografia digital se constitui a partir da interação entre esses três componentes, que podem convergir ou divergir em múltiplas possibilidades de configuração. Essa transformação nos regimes de genericidade acarreta modificações no plano da textualidade também, de modo que na “maior partes dos sites, a página da tela não é um texto, mas um mosaico de módulos heterogêneos do ponto de vista enunciativo e modal: sinais, diagramas, propagandas, começos de artigos [...]” (Maingueneau, 2015, p. 163).

Considerando que a própria concepção de textualidade é colocada em xeque na *Web*, o autor propõe três formas de textualidade, baseadas na distinção entre os três tipos fundamentais de comunicação (oral, escrito e digital) que, obviamente, podem interagir. Trata-se, respectivamente, da ‘textualidade imersa’ (referente à conversação oral em que os interlocutores estão imersos na interação e no fluxo da troca verbal); da

textualidade planejada (referente aos gêneros instituídos, orais e escritos, em que os interlocutores se submetem a parâmetros socioinstitucionais dos dispositivos de comunicação previamente estabelecidos, monológicos ou dialogais) e da ‘textualidade navegante’ (relativa às estruturas hipertextuais em que os interlocutores navegam nas redes interconectadas digitalmente). Nessa última forma de textualidade, típica da *Web*, “a relação imaginária que liga um texto a seu ou a seus autores é substituída por uma relação generalizada, num espaço aberto, constituído de sites que são agenciamentos coletivos, pela exacerbação da cenografia e do hipergênero” (Maingueneau, 2015, p. 166-7).

Ao problematizar a forma de textualidade navegante e o *status* de seus agentes/interlocutores, Maingueneau aponta para uma dimensão significativa da discussão sobre a discursividade na *Web*, qual seja, a dimensão tecnológica que lhe é constitutiva. Nesse sentido, o autor faz referência direta à autora responsável pela segunda formulação que iremos abordar em seguida, dizendo que Marie-Anne Paveau fala, assim, de ‘tecnologia discursiva’ para designar um dispositivo no seio do qual a produção linguageira e discursiva está intrinsecamente ligada a ferramentas tecnológicas (aparelhos, *softwares*, aplicativos, plataformas)” (Maingueneau, 2015, p. 170).

1.1 Análise do discurso digital

Paveau (2021) ‘radicaliza’ a discussão sobre os discursos digitais nativos, que, segundo a autora, são elaborados pelos internautas e pelos próprios sistemas operacionais de que são compostos os aparelhos eletrônicos, o que desafia os principais modelos de Análise do Discurso, que são anteriores a esses

avanços tecnológicos e ao advento da internet. Assim, assumimos uma posição favorável à versão da abordagem simétrica³ da autora, para quem o contexto é concebido em termos de ambiente ecológico, o que implica localizar a atividade linguageira em outros lugares que não apenas na competência interna de um indivíduo. Nessa perspectiva, não há distinção radical entre os discursos e os ambientes sociocognitivos, mas, ao contrário, um *continuum* recíproco (os ambientes fazem os discursos tanto quanto os discursos fazem os ambientes).

Na atualidade, os artefatos tecnológicos estão sendo inseridos cada vez mais no cotidiano das pessoas, de modo que os usos das tecnologias, da internet e dos objetos conectados na rede estão sendo progressivamente integrados às nossas existências. O discurso digital nativo “é o conjunto das produções verbais elaboradas online, quaisquer que sejam os aparelhos, as interfaces, as plataformas ou as ferramentas da escrita” (Paveau, 2021, p. 36). A autora propõe que os discursos produzidos no âmbito da internet e, mais especificamente, da *Web 2.0*, sejam reconhecidos como tecnodiscursos, alertando sobre certa negligência por parte das Ciências da Linguagem, relativa ao fato de não desenvolverem muitos estudos que levem em consideração o universo digital.

Nesses termos, grande parte dos pesquisadores que utilizam a *web* como fonte de suas pesquisas não consideram as estruturas do universo digital como dotados de agência, de modo que os computadores e/ou os dispositivos eletrônicos são concebidos apenas como uma ferramenta passiva, e não como um agente. Segundo autora:

³ O termo simétrico, emprestado de Bruno Latour (1991), define uma abordagem pós-dualista dos fenômenos linguageiros, na perspectiva de uma síntese do linguístico e do extralinguístico.

A maior parte dos raros trabalhos existentes até o momento sobre os discursos nativos da internet ou da web se esforçam para considerar sua dimensão técnica, integrada à sua natureza linguageira [...]. As abordagens que integram plenamente a máquina e sua técnica são raras. Citamos principalmente as pesquisas do grupo IMPEC (*Interactions multimodales par écrans*), apoiadas em três princípios: o da mediação como espaço de intersecção entre corpo, máquina e linguagem, o da afordância⁴ comunicativa e o do design do ambiente eletrônico (Paveau, 2021, p. 38).

A análise do discurso digital tem como fundamento descrever e analisar os discursos produzidos na internet, especialmente os discursos produzidos na era da *web 2.0*. Assim, com vistas a elaborar um modelo cujas categorias sejam aptas a explicar o funcionamento do discurso digital, Paveau destaca seis características importantes para a sua análise, quais sejam: a composição, a deslinearização, a ampliação, a relacionalidade, a investigabilidade e a imprevisibilidade.

Em linhas gerais, a composição refere-se ao fato de os discursos digitais serem compósitos, em termos de serem constituídos por uma matéria híbrida que integra intrinsecamente uma dimensão linguageira a uma dimensão tecnológica de natureza informática. Essa característica está diretamente ligada à importância da algoritimização, como processo de produção de instruções que permitem calcular e resolver o problema de tratamento da informação, procurando-a, processando-a, classificando-a, hierarquizando-a etc. Paveau destaca dois aspectos dos algoritmos mais relevantes: “os algoritmos que estão “acima da *Web*” e hierarquizam os links hipertextuais estabelecendo um princípio de autoridade; e os algoritmos que

4 'Afordância' é uma tradução da noção de *affordances*, a qual se refere à dinâmica interativa que se estabelece entre agente e ambiente, em termos de predisposições recíprocas relativas às possibilidades de ação.

estão “abaixo da *Web*” e calculam rastros para influenciar os comportamentos futuros do internauta, segundo um princípio de predição, baseado em técnicas de *machinelearning*. A composição tecnolinguageira “é desenvolvida por um hibridismo semiótico: os tecnodiscursos podem ser plurisemióticos e mobilizar simultaneamente, e na mesma semiose, texto, imagem fixa ou animada, som (por exemplo, a imagem macro ou o cartaz)” (Paveau, 2021, p.58).

A deslinearização decorre dessa natureza compósita do discurso digital e está relacionada ao fato de que tais discursos não são, obrigatoriamente, lineares, em termos de seu desenvolvimento sintagmático, ou ainda, de seu encadeamento sintático-discursivo. Assim, através dos *links hipertextuais*, os internautas podem ser direcionados para outros discursos, de autores diferentes, através de janelas de navegação interconectadas. Nesse sentido, a intervenção de elementos clicáveis no fio do discurso direcionam o ‘leitor-escritor’ de um fio do discurso-fonte a um fio do discurso-alvo, implicando um desdobramento sintagmático do enunciado em seu funcionamento enunciativo e semiótico, cujos elementos tecnolinguageiros carregam uma marca visual específica, a cor ou o sublinhado, que são sinais de deslinearização.

Já a ampliação remete à noção de enunciação ampliada, cujas capacidades expressivas e comunicacionais ultrapassam a ordem da razão gráfica. Com efeito, no ambiente digital os enunciados são ampliados tanto pela possibilidade de adição de comentários e metadiscursos, que prolongam a enunciação, quanto pela potencialidade das formas de circulação facilitada dos enunciados, através de compartilhamentos e reblogagens, por exemplo. Essa característica é válida também do ponto

de vista da leitura, que também se torna ampliada nos *sites* e redes sociais, de modo que o leitor se torna escritor e vice-versa no ambiente digital da *web*, assumindo diversas formas de enunciação coletiva. Ademais, não podemos negligenciar a produção e viralização de enunciados através de dispositivos como os robôs digitais, que funcionam como uma forma de agente não humano de difusão de ‘informação’ em rede.

A relacionalidade, por sua vez, denota que todos os discursos elaborados na internet estão radicalmente relacionados entre si em rede, em função do caráter rizomático da conexão digital entre as plataformas, *sites* e *hiperlinks*, de modo que a sua arquitetura em rede faz com que eles sejam todos materialmente interligados. Essa interconexão material da *web* implica, obviamente, uma nova forma de relacionalidade entre enunciadores (escritores/leitores), que passa pela intersubjetividade da configuração cenográfica das interfaces dos discursos digitais.

As características acima apontam para a investigabilidade dos discursos digitais nativos, na medida em que a sua natureza compósita, não linear e materialmente relacional é associada à sua inscrição e codificação no sistema de metadados, a qual faz com que tais discurso sejam localizáveis e coletáveis através de ferramentas de busca e de redocumentação.

Por último, a imprevisibilidade decorre do fato de que os discursos digitais são produzidos, em parte, pelos algoritmos, o que faz com que eles se tornem, pelo menos parcialmente, imprevisíveis para os internautas, uma vez que o ecossistema do ambiente digital, através de sua capacidade de circulação e viralização dos discursos, produz resultados e efeitos não previsíveis para os seus produtores/enunciadores.

Essas características específicas implicam a criação de instrumentos de análise adequados ou a adaptação de instrumentos já existentes em análise de discurso. Proporemos aqui, especialmente, as categorias gerais da tecnologia discursiva, tecnodiscursos e forma tecnolinguageira, e as categorias particulares de tecnopalavra, tecnosigno, tecnodiscurso relatado e tecnogênero de discurso (Paveau, 2021, p. 68).

Assim, ao utilizar tais categorias, para além da dimensão terminológica, a autora busca atualizar e/ou ampliar as dimensões epistemológica e teórico-metodológica dos modelos de análise do discurso. Em consonância com a abordagem ecológica (digital) proposta por Paveau (2021), buscamos levar em consideração todo o ambiente digital, tais como os algoritmos, os *hyperlinks*, os *likes* etc., já que, nessa perspectiva teórica, esses elementos que compõem tal ambiente digital são concebidos como objetos de produção de sentido. O caráter ecológico do discurso diz respeito ao fato de que eles precisam ser analisados não apenas a partir de seus traços linguageiros, mas também em função de sua relação constitutiva com elementos tecnológicos, além dos aspectos cognitivos e socioculturais.

2 Do (antir)racismo ao ativismo digital: o (tecno)discurso como forma de resistência

Antes de tratarmos necessariamente sobre o antirracismo, enquanto movimento social, faz-se necessário definir o que vem a ser o racismo. Entendemos que o antirracismo prevê o racismo. Assim, a nossa definição de racismo é baseada na ideia desenvolvida por Van Dijk (2021) e Jacques d'Adesky (2001), que entendem o racismo como sendo uma prática sistemática

caracterizada pelo abuso de poder e de dominação, tendo como base as diferenças étnicas e culturais entre grupos. Em relação ao Brasil, o racismo é voltado para os afro-brasileiros, indígenas, público LGBTQIA+, além das mulheres e da população periférica, pois “no Brasil, esse racismo é direcionado principalmente contra pessoas de ascendência africana, por um lado, e contra povos originários, por outro; mas também contra pobre, mulheres, grupos LGBTQIA+, nordestinos, comunidades periféricas e ribeirinhas” (Van Dijk, 2021, p. 9).

Assim, segundo Van Dijk (2021), o discurso racista, além de ser uma prática racista, é o principal meio de propagação de preconceitos e ideologias racistas. Dando continuidade à noção de racismo, d’Adesky (2001) a divide em duas perspectivas distintas: a primeira noção está relacionada à negação total da identidade de um grupo, ou seja, a existência e o valor de um determinado grupo são reprimidos. Nas palavras de d’Adesky “o racismo apaga, anula ou destrói a diferença entre os grupos: nesse sentido, ele é heteróforo” (2001, p. 25). Já a segunda perspectiva está relacionada à negação de humanidade de um grupo, a exemplo do histórico da escravidão no Brasil, onde os negros foram escravizados exatamente por conta de, nas palavras de Abdias Nascimento (2016), uma suposta inferioridade africana.

Como bem destaca Van Dijk (2021), a resistência contra as formas de escravidão existe desde a antiguidade. As resistências discursivas do período colonial, no Brasil, foram iniciadas por alguns grupos religiosos no século XVII. Para Van Dijk (2021), “pode ser que nesses períodos houvesse ideias compartilhadas por várias pessoas ou grupos, mas ainda não havia um movimento social no sentido atual, como definido nas teorias dos movimentos sociais, que marcam o seu início no

século XVIII” (Van Dijk, 2021, p.42).Desse modo, os discursos abolicionistas foram elaborados durante o período do iluminismo e constituíram um dos maiores movimentos políticos da história. No Brasil, o movimento abolicionista se popularizou após 1880, sendo os discursos produzidos anteriormente considerados pelo autor comopré-abolicionistas, ou seja, discursos que preparavam um movimento social que surgiria no futuro.

Como destacado anteriormente, a linguagem é um dos recursos fundamentais de grande parte da atividade humana, pois “sem comunicação a vida não tem sentido. Sendo assim, a palavra é um meio privilegiado para (se) conhecer e (se) fazer conhecer” (Mello, 2020, p. 2588). As pessoas necessitam da linguagem, sendo ela oral ou não, para conseguirem inserção na sociedade. É a partir da comunicação que reivindicações são feitas, melhorias são cobradas e ideologias são propagadas. Entretanto, cabe destacar que, na sociedade em que vivemos, o direito à fala, muitas vezes, é silenciado para alguns grupos, como os LGTQIA+, as mulheres, os negros e indígenas.

No próximo tópico a ser abordado iremos discorrer a respeito do ativismo digital. Essa nova forma de articulação e militância fez com que os discursos antirracistas elaborados pelos movimentos sociais negros chegassem a um maior número de pessoas, fazendo, assim, com que as suas pautas fossem levadas em consideração.

2.1 Ativismo digital

Com o advento da *Web 2.0*, o internauta, cada vez mais, passa a ter maior controle sobre os meios digitais, fazendo parte desse processo de uma maneira ativa, tendo em vista que na

primeira geração da *web* não existia uma interação e/ou uma troca entre os internautas. Além disso, a *Web 2.0* possibilitou que os internautas criassem conteúdos como blogs, por exemplo. De acordo com Primo (2007), a *Web 2.0* possibilita um maior ativismo social, uma vez que ela potencializa o trabalho coletivo, a produção e a distribuição de informações conjuntas.

Em certos aspectos, a *Web 2.0* tem se mostrado ser uma parceira importante dos antigos e dos mais novos movimentos sociais, tendo em vista a facilidade de compartilhar informações, fazer denúncias, além de proporcionar um maior diálogo entre as pessoas. Isso cria uma rede de movimentose/ou de pessoas que lutam por uma mesma causa, pois, segundo Roesler (2012, p. 1), “com a *Web 2.0*, o ciberespaço tornou-se um ambiente social acessível a todos, onde é possível selecionar e controlar as informações de acordo com as necessidades e interesses de cada grupo social”.

Entendemos o ativismo digital como sendo, segundo Patrícia Margarida Farias Coelho e Marcos Rogério Martins Costa (2013), um movimento que surgiu a partir dos avanços tecnológicos e que busca combater os preconceitos e as desigualdades presentes na sociedade por meio da internet. Desse modo, a *web* possibilita o associativismo, a partir do seu amplo alcance, pois, de acordo com Rafael Roesler(2012), a internet agrega uma enorme corrente de informações que circulam sem fronteira e limites. “A internet, hoje, sustenta um enorme fluxo de informações, que circulam livremente, sem fronteiras ou limites, nem regras estabelecidas de como se processa ou como se dá a troca das mesmas: é um universo sem totalidade”(Roesler, 2012, p. 4).

Para as pesquisadoras Franciani Bernades e Célia Barbosa (2017), “quando se fala sobre o impacto da internet no processo democrático, parece unânime a ideia de que a grande rede cria cidadãos digitais ativos e participativos” (Barbosa, Bernades, 2017, p. 6). Um dos motivos de a internet possibilitar que os cidadãos se tornem participativos politicamente deve-se ao fácil manuseio das ferramentas disponibilizadas em rede, pois

numa mesma interação (em rede) conjuntos de textos se respondem e diferentes ferramentas, dentre elas as de curtida, instam os interlocutores a terem algum tipo de atitude responsiva ativa, muito mais do que nos meios não digitais, Tais recursos tecnodiscursivos promovem novos modos de interagir, de navegar e de produzir sentidos (Paveau, 2021, p. 17).

Assim, entendemos que o ativismo digital está preocupado em lutar por melhores condições de vida para aqueles que se encontram marginalizados na sociedade, tais como as mulheres, os negros, os indígenas, as pessoas LGTBTTQIA+ e etc. Desse modo, é interessante a união entre as pessoas que se articulam por meio da internet e as pessoas que se organizam nas ruas fazendo manifestações e ocupações, pois os meios digitais podem auxiliar nas mobilizações que ocorrem na rua.

Em vista disso, para transmitir as suas pautas, os movimentos sociais atuam em rede para facilitar o discernimento de suas reivindicações. O conceito de atuação em rede foi desenvolvido por muitos autores da área da comunicação, como Manuel Castells, João Alberto Machado, dentre outros, e pode ser entendido como a união de atores sociais que compartilham entre si ensinamentos, ideais, reivindicações sociais, além de um intercâmbio cultural. Segundo Machado (2012), a noção de rede está relacionada à troca de informações e/ou saberes, formações

de grupos de apoio, etc. Essa articulação em rede permite que os ativistas estejam em contato com as reivindicações de outros ativistas e/ou movimentos sociais, criando uma teia de atores sociais que lutam por uma maior igualdade de raça, gênero, dentre outras pautas. Desse modo, de acordo como Machado (2012), as pautas das pessoas que se relacionam através de uma rede são diversas, de modo que indivíduos estão gradativamente lutando por questões culturais e valores diferentes, mas que, de certa maneira, dialogam entre si. Assim, essas lutas estão diretamente ligadas à construção de uma coletividade, auxiliando a construção de sujeitos sociais.

Em relação ao crescimento do ativismo digital nas redes sociais, Coelho e Costa (2013, p. 10) destacam que notaram esse crescimento a partir dos números de *tweets*, *retweets*, *likes*, e *posts* nas redes sociais, Esses tecnogêneros servem para exemplificar que apenas com um clique as pessoas podem passar informações, responder, reclamar, e fazer denúncias. Os ativistas perceberam o ciberespaço como uma importante ferramenta para lutarem por melhorias fazendo reivindicações. Portanto, para Coelho e Costa (2013, p. 12), o ciberespaço, através de suas ferramentas interativas, é uma plataforma fundamental para os movimentos sociais do século XXI. Compreendemos que a *web* possibilita o associativismo, a partir do seu amplo alcance, pois a internet agrega uma enorme corrente de informações que circulam sem fronteiras e limites. Esses mecanismos digitais fazem com que os tecnodiscursos proporcionem um novo modo de interação e de produção de sentido (Paveau, 2021).

3 Análise do objeto: o site Alma Preta e a alusão ao caso George Floyd

Por trabalharmos com discursos nativos, ou seja, discursos produzidos on-line, o objeto de análise do nosso artigo foi coletado no âmbito da internet. Desse modo, foram feitas capturas de tela para melhor visualizar os discursos a serem analisados. Assim, realizamos uma análise discursiva de alguns recortes da página Alma Preta, especialmente em referência ao assassinato de George Floyd. Cabe ressaltar que destacamos alguns trechos/excertos que consideramos importantes para a análise.

A Alma Preta é conhecida por ser uma agência de jornalismo especializada em temática racial. A agência foi criada no ano de 2015 por um grupo de estudantes universitários negros. Além disso, a agência de notícias surge exclusivamente no ambiente digital. Em outras palavras, a Alma Preta é uma agência de jornalismo que se movimenta e faz publicações apenas no âmbito da *Web 2.0*.

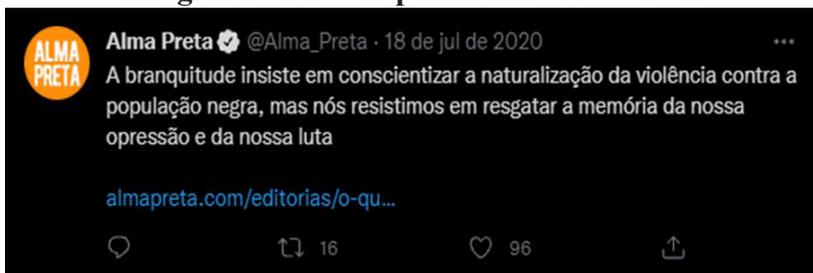
Imagem 1: Página inicial do site Alma Preta



Fonte: captura de tela feita pelo autor realizada em 07/05/2024

Na imagem acima, temos a página inicial do site da Alma Preta e podemos perceber a integração dos discursos verbais e visuais, demonstrando assim o caráter multimodal do discurso. Além disso, na parte superior direita, temos pequenos ícones de outras plataformas digitais, como *Facebook*, *Instagram*, *X*, entre outros, que possibilitam acessar a Alma Preta em outras plataformas *online*. No site da Alma Preta, a cor laranja representa os tecno signos dos *hiperlinks*, uma vez que ao clicarmos em uma das palavras destacadas em laranja, seremos direcionados para outra página. Podemos ilustrar aqui a complexidade a cenografia digital de que trata Maingueneau, com seus componentes iconotextual (no sentido de que o site mostra imagens e se constitui como um conjunto de imagens na tela associadas a enunciados verbais), arquitetural (na medida em que o site forma uma rede de páginas acionadas de determinado modo); e procedural (pois o site configura uma rede de instruções voltadas para os internautas).

Imagem 2: Tuíte do perfil Alma Preta no X



Fonte: captura de tela feita pelo autorrealizada em 07/05/2024

No texto acima é um tuíte, ou seja, um tecnogênero no qual percebermos alguns traços específicos que compõem os tecnodiscursos, como a deslinearização, o *hiperlink* e a cor. A deslinearização, como abordamos, está relacionada ao fato de que os discursos nativos da *web*, geralmente muitas, não são

lineares, a exemplo do *tweet* em que temos um discurso primeiro que projeta o discurso alvo a partir do *hiperlink*. Para Paveau (2021, p. 145), “a deslinearização, traço específico do enunciado digital nativo, consiste na intervenção de elementos clicáveis no fio do discurso, que direcionam o leitor- escritor de um fio do discurso-fonte a um fio do discurso-alvo”.

O *hiperlink* é uma tecnopalavra que consiste nas relações de conexão entre um texto e algum outro na *web*. Já a cor, segundo Paveau (2021, p. 131), “nos universos discursivos digitais nativos é uma marca visual que sinaliza uma propriedade dos tecnodiscursos.” A cor não está presente no *tweet* destacado acima apenas como uma decoração, mas sim como uma particularidade do tecnodiscurso, ao indicar que uma palavra é clicável. Assim, ao clicarmos no *hiperlink* do tweet acima, somos levados diretamente para a página da Alma Preta, onde temos a seguinte reportagem:

Imagem 3: Título de um artigo de opinião do site Alma Preta sobre o assassinato de George Floyd



Fonte: captura de tela feita pelo autorrealizada em 07/05/2024.

Na imagem acima, podemos perceber a integração entre o componente visual/imagético e o componente verbal na reportagem em questão. Na foto utilizada pela Alma Preta, possivelmente tirada em uma das manifestações do movimento *Black Lives Matter*, temos um conjunto de pessoas manifestando. Com efeito, podemos destacar que o foco da imagem incide sobre a mulher negra que aparece em primeiro plano com a boca tapada com os dizeres: “*can’t breathe*”, frase que teria sido a última proferida por George Floyd antes de ser assassinado. Por conseguinte, logo no título da reportagem é possível perceber a presença de uma interdiscursividade, pois há uma retomada do ato de fala de George Floyd. A própria utilização da imagem pela agência de notícias já possui o intuito de conquistar a adesão do público através de um efeito *pathémico* (afetivo) do discurso. A própria imagem da com a boca tapada produz um efeito de protesto figurativo metafórico, de quem não pode respirar, ou ainda, não pode viver e se manifestar livremente. Além disso, é importante destacar a presença da 1ª pessoa do plural no título do texto. O uso do plural traz a ideia de uma coletividade, tendo em vista que diariamente os negros são vítimas de racismo. Portanto, é toda a comunidade negra que necessita de respirar.

Imagem 4: Início do artigo de opinião no *site* Alma Preta

Há 520 anos tentamos respirar, mas continuamos sob os açoites. Não temos nem um dia de tréguas!

Todo dia pela manhã, abro o Facebook e me deparo com pelo menos três mortes relacionadas aos amigos da minha rede. São pelo menos três vezes que cumprimento amigos dizendo: “meus sentimentos”, pois de fato eu sinto, lamento muito cada vida perdida. E em sua grande maioria são vidas negras. As condições de morte são diversas, mas as mortes que mais me sufocam são as execuções sumárias do Estado Brasileiro e as humilhações diárias e cotidianas que a população negra sofre.

Fonte: captura de tela feita pelo autorrealizada em 07/05/2024.

No início do texto, temos novamente o emprego do ‘nós’ para tratar de uma memória coletiva. Desse modo, a enunciadora retoma o passado para ressaltar que os negros tentam respirar desde o início da colonização — sendo a respiração uma metonímia da vida e da liberdade. Em seguida, ela utiliza uma oração adversativa para argumentar que, mesmo após a abolição da escravidão, os negros seguem sendo vítimas de racismo, uma vez que os agora cidadãos da recém-proclamada República brasileira não tiveram direito a nenhuma parcela das terras onde trabalharam durante toda a vida, e nem foram amparados por quaisquer políticas reparatórias por parte do governo. Dessa forma, um contingente significativo dos brasileiros não teve oportunidade de se integrar a esse novo regime político e econômico. O resultado foi a crescente condição de miserabilidade dessa parcela da população, com reflexos em processos de desigualdade social evidenciados ainda hoje na sociedade brasileira (Chaves; Cogo, 2013, p. 217).

A enunciadora continua ressaltando, de maneira assertiva e assumindo a primeira pessoa do singular como alguém que testemunha, através das redes sociais (vide a menção ao Facebook), que os negros continuam sem ter seus direitos respeitados, a exemplo do uso metafórico da expressão “continuamos sob os açoités”. O tom assertivo presente no discurso da autora reforça o *ethos* de revolta, de indignação e de luta. A enunciadora constrói uma imagem de si como uma pessoa que está disposta a lutar pela liberdade dos negros, apesar de se sentir “sufocada”, por causa das diversas vidas negras que são mortas diariamente pelo Estado brasileiro, sob a forma de “execuções sumárias e humilhações diárias e cotidianas”. Portanto, na medida em que a enunciadora constrói

uma imagem de si como militante, ela também busca ir contra a ideologia dominante, ou seja, contra a *doxa*. Conforme destaca Amossy (2018, p. 111), “ela persegue a *doxa*, assinala o engano e a manipulação; em outros termos, desmitifica”.

Imagem 5: Trecho do artigo de opinião no *site* Alma Preta

Pisam em nosso pescoço, nos espancam até lesionar nosso cérebro ou quebrar nossa tibia, arrastam nosso corpo pelo asfalto, prendem nosso companheiro que cuidava dos nossos filhos levando nosso caçula a se afogar na piscina, abandonam nosso filho de quatro anos no elevador repetidas vezes até que ele morra ao despencar do prédio.

Fonte: captura de tela feita pelo autorrealizada em 07/05/2024.

No trecho destacado acima, a enunciadora encadeia uma sequência de descrições de ações violentas que se referem a fatos vividos e noticiados, os quais fazem parte da memória discursiva dos cidadãos brasileiros e, sobretudo, da população negra, que é vítima dessa violência. Por outro lado, esse excerto permite fazer alusão à noção de pós-memória, ao trazer para o texto fatos específicos que ocorreram com sujeitos negros recentemente, mas remetem a uma experiência atávica de opressão inscrita na população negra, como demonstra o uso da primeira pessoa do plural para ressaltar que os negros continuam, desde sempre, sendo pisoteados, arrastados, presos etc. Paveau define a pós-memória “como sendo a memória dos descendentes ou dos sobreviventes, baseada em narrativas, descrições e fotos. Trata-se de uma memória de segunda mão [...] o descendente, que não viveu o trauma [...] traz consigo, porém, os sintomas dos quais fala o discurso (Paveau, 2013, p. 158).

Em vista disso, o discurso antirracista da enunciadora é construído com base nesses acontecimentos históricos, o que faz com que ele se torne ainda mais impactante, persuasivo e convincente, buscando produzir efeitos não apenas pela razão, mas também sensibilizar pela via do afeto, demonstrando a sua indignação e revolta em relação à perpetuação da opressão e da discriminação.

Imagem 6: Conclusão do artigo de opinião do *site* Alma Preta

Por isso, mesmo com o silêncio ensurdecedor das grandes redes de comunicação, estamos em marcha. A cada 25 de julho e 20 de novembro marchamos por nós, pelos mais velhos e pelos mais novos. Nos unimos pela nossa comunidade. E é por conta disso que resistimos e tomamos fôlego para nossa resistência e reexistência nessa sociedade estruturalmente racista.

Fonte: captura de tela feita pelo autorrealizada em 07/05/2024.

No trecho destacado acima, temos uma denúncia contra as grandes mídias tradicionais, que se mostram omissas e coniventes com o racismo, ao não abordarem devidamente esses fatos destacados pelo discurso da enunciadora, pois

o quadro de pessoal nos jornais é praticamente todo composto de brancos, e isso, é claro, acarreta sérias consequências na produção de notícias, no estilo de redação, no acesso às fontes e no ponto de vista geral do discurso jornalístico [...] (Van Dijk, 2008, p. 98).

No excerto em questão, a enunciadora estabelece uma clara contraposição entre o posicionamento ideológico da mídia hegemônica tradicional e o posicionamento de resistência da mídia digital alternativa, que denuncia a continuidade histórica de uma atitude hegemônica que perpetua o racismo, continuamente presente em nossa sociedade, uma vez que as pessoas não são educadas para desconstruírem os seus preconceitos. Em outras palavras, a branquitude segue confiando nesse *ethos* que foi imposto aos negros desde o início do período colonial.

De um ponto de vista argumentativo, fica clara também a estratégia retórica de utilizar a metonímia da ‘respiração’ significando vida, portanto a resistência da população negra através das mídias alternativas e do ativismo digital é expressa metaforicamente, na primeira pessoa do plural, a exemplo da frase conclusiva em que se lê “tomamos fôlego para nossa resistência e reexistência nessa sociedade estruturalmente racista.”

O *print* em destaque demonstra que a população negra, segundo d'Adesky, “[...] crê no progresso para todos por meio de uma educação que racionalize os costumes, destrua os preconceitos e elimine os particularismos culturais considerados ‘arcaicos’ ou ‘bárbaros’”(d'Adesky,2001, p. 28).

Considerações finais

Neste artigo buscamos destacar a importância das novas tecnologias digitais na transformação das práticas de linguagem, através da emergência de novos gêneros e de novos elementos que passam a constituir os regimes de discursividade contemporâneos. Nesse sentido, avaliamos duas dimensões dessas transformações. Primeiramente, abordamos uma questão teórico-metodológica, relacionada à necessidade de formular novos modelos e novas categorias de análise para contemplar satisfatoriamente essa mudança de paradigma, apresentando, para tanto, as formulações desenvolvidas principalmente por Maingueneau (2015) e por Paveau (2021)

Em seguida, desenvolvemos uma discussão mais voltada para uma dimensão temática e analítica, relativa ao surgimento de novas formas de manifestação e de participação política através do discurso digital, enfatizando o fenômeno do ativismo digital, especialmente de caráter antirracista. Com base na análise de recortes da página Alma Preta, percebemos que a internet pode servir como um espaço de luta pela democratização, como bem aponta Ruth Amossy. Os ativistas digitais têm, cada vez mais, provado a importância das pessoas se articularem por meio da *web*, pois a *internet* possibilita uma comunicação rápida,

acessível, e de grande alcance. Entendemos que os avanços tecnológicos permitiram que a *web* se tornasse um espaço público essencial para a consolidação das práticas discursivas de resistência dos movimentos, bem como dos sujeitos sociais.

A possibilidade de comunicação rápida, barata e de grande alcance faz atualmente da Internet o principal instrumento de articulação e comunicação das organizações da sociedade civil, movimentos sociais e grupos de cidadãos. A rede se converteu em um espaço público fundamental para o fortalecimento das demandas dos atores sociais para ampliar o alcance de suas ações e desenvolver estratégias de luta mais eficazes. (Machado, 2007, p. 268)

O ativismo digital possibilita que os casos de racismo sejam denunciados, tendo em vista que as grandes mídias muitas vezes omitem e até reafirmam o discurso racista em nossa sociedade. Assim, nas palavras de Van Dijk (2008, p. 237), “a mídia de hoje às vezes se assemelha a um representante moderno dos senhores escravistas.” É possível conceber o discurso enquanto uma ferramenta de denúncia e resistência para a população negra, pois é a partir dele que a comunidade negra foi se articulando, criando redes, e conquistando espaço na sociedade.

Como destacamos no decorrer do texto, compreendemos que o movimento social negro é essencial para a luta contra o racismo, uma vez que observamos na *internet* um crescente aumento de páginas pessoais feitas por pessoas negras que escrevem sobre o que é a negritude, além de denunciarem casos de racismo e apresentarem discussões de temas como apropriação cultural, colorismo, cotas, entre outros.

Referências

AMOSSY, Ruth. (2011). Argumentação e Análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. *Revista Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação*, 1(1), 129-144. Recuperado de <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/389>.

AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto, 2018.

COELHO, Patrícia Margarida Farias, COSTA, Marcos Rogério Martins. O ativismo digital: apontamentos e reflexões semióticas. *TECCOGS*. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teccogs/article/view/52681>. Acesso em: 08/11/2021.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro no Brasil: ausências emergências e a produção dos saberes. *Política e Sociedade*. Vol. 10, p. 133 – 154, 2011.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

MACHADO, João Alberto. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. In: *Sociologias*, Porto Alegre, ano 9, nº 18, jul./dez. 2007, p. 248-285. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/JKWntC6dkPCjRXtXfFzYzk/?lang=pt>. Acesso em: 05/11/2021.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2015.

PAVEAU, Marie-Anne. *Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas*. 1 ed. São Paulo: Pontes, 2021.

PAVEAU, Marie-Anne. (2015). Memória, des-memória, a-memória: quando o discurso volta-se para seu passado. *Revista Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E*

Argumentação, 5(1), 137-161. Recuperado de <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/441>.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. *E-Compós* (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.

ROESLER, Rafael. Web 2.0, interações sociais e construção do conhecimento. *VII SIMPED- Simpósio Pedagógico e Pesquisa em Educação – 2012*. Disponível em: <https://www.aedb.br/wp-content/uploads/2015/04/45817495.pdf>.

SEDRES CHAVES, L., & Cogo, D. (2013). Activismo por la igualdad racial en Brasil. La comunicación a través de redes e Internet: Agencia de Noticias Afropress. *index.comunicación*, 3(2), 211-245. Recuperado de <http://journals.sfu.ca/indexcomunicacion/index.php/indexcomunicacion/article/view>. Acesso em: 22/10/2021.

VAN DIJK, Teun Adrianus. *Discurso antirracista no Brasil: da abolição às ações afirmativas*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2021.

VAN DIJK, Teun Adrianus. *Discurso e Poder*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

TATIANA, Oliveira. Precisamos Respirar. *Alma Preta*. Publicada em 17/07/2020. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/precisamos-respirar/>. Acesso em: 22/04/2024.

Referências das imagens

Imagem 1: <https://almapreta.com.br>. Acesso em 07/02/2024

Imagem 2: https://twitter.com/Alma_Preta/status/1284488491016114176. Acesso em: 07/05/24

Imagens 3, 4, 5 e 6: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/precisamos-respirar>. Acesso em 07/05/2024